



A MISSÃO DA IGREJA E OS LEIGOS – ENCAMINHAMENTOS DE UM CONCÍLIO AINDA EM CONSTRUÇÃO

(Church's mission and the laymen – Routings of a Council still under construction)

Mariane de Almeida Silva

Mestranda em Teologia pela PUC/SP

E-mail: mariane_de_almeida@yahoo.com.br

RESUMO:

Cinquenta anos depois ainda se faz necessário versar sobre alguns encaminhamentos do Concílio Ecumênico Vaticano II no que tange ao papel do leigo como partícipe da missão da Igreja e também sua fundamental missão entre o diálogo da Igreja e mundo, tão abordado durante todo o Concílio e de maneira singular na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Percebe-se no decorrer da história que o leigo, de certa forma, se via esquecido, participava na Igreja de maneira passiva. Esse pensamento, contudo, vem mudando a partir do referido Concílio que, através de seus vários documentos, apresenta o leigo como agente transformador na Igreja e, de maneira mais fundamental, fora dela, sendo reconhecido seu grande papel como partícipe da Missão. Por isso, versaremos sobre a Missão da Igreja, as contribuições do Concílio para esta nova compreensão do laicato, o papel do leigo na Igreja, a importância do diálogo entre Igreja e mundo e, por fim, o leigo como principal agente nesse diálogo.

Palavras-chave: Igreja; Missão; Concílio Vaticano II; Laicato; Diálogo.

ABSTRACT

Fifty years later it is still necessary to talk about some decisions of Second Vatican Ecumenical Council regarding the role of the layperson as the Church's mission participant and also its fundamental role concerning the dialogue between Church and the world, as discussed throughout the Council and singularly in the Pastoral Constitution *Gaudium et Spes*. It can be seen throughout history that the layman, somewhat, could see himself forgotten, taking part in the Church passively. This thought, however, is changing from what was said at the Council as its several documents show: the layman as a transforming agent in the Church but, more essentially, out of it, it is recognized its important role as participants in the mission. So we talk about the Mission of the Church and the Council contributions to this new understanding of the laity, the role of the layperson in the Church, the importance of dialogue between the Church and the world and finally, the layman as the main agent in this dialogue.

Keywords: Church; Mission; Vatican II; Laity; Dialogue.

INTRODUÇÃO

O Concílio Ecumênico Vaticano II resgatou um ponto necessário para a vida da Igreja e propôs a grande importância do leigo para esta instituição. Outro ponto importante foi ressaltar o sentido da Missão e inserir o leigo como partícipe desta que foi dada pelo próprio



Cristo. Com base nessa renovação eclesiológica proposta pelo Concílio Vaticano II, busca-se agora, com este artigo, compreender melhor sobre a Missão da Igreja, em especial sobre a importância de ela dialogar com o mundo e, por fim, de maneira veemente, localizar a grande importância do leigo na participação dessa ação missionária da Igreja.

O leigo tem uma missão muito importante dentro da Igreja, contudo, mais do que isto, é fora das portas da igreja que ele tem de desenvolver seu papel na sociedade. Por isso, para falar desse papel do leigo, antes abordar-se-á o tema da Missão da Igreja para, depois, adentrarmos mais a fundo no papel do leigo na ação missionária eclesial.

1. A IGREJA EM MISSÃO

Segundo o Concílio Ecumênico Vaticano II, o Povo de Deus é composto por todos aqueles que receberam o batismo e participam, dessa forma, do tríplice múnus de Cristo. São, por conseguinte, aqueles que decidiram seguir os passos de Jesus e ouvir seus ensinamentos. Por meio desse seguimento, cada um, de acordo com sua vocação e segundo seu ministério, serve a Deus e à Igreja, dando continuidade à Missão deixada por Cristo aos apóstolos. Por isso, faz-se necessário discorrer sobre a Missão, destacando-a como agente motivacional para toda a ação eclesial não apenas depois do Concílio, mas também em todas as etapas da vida da Igreja.

Os dicionários relacionam a Missão como uma função e/ou um encargo que se confere a alguém. Percebe-se com isso que, para ela (a Missão) acontecer, é preciso a junção de duas partes: a primeira de quem encarrega e a segunda de quem adere a essa função. Nos dicionários de Teologia esta interpretação é mais elaborada:

Em seu sentido mais amplo, a missão é uma característica fundamental da Igreja, chamada a ser sinal e instrumento de salvação de Deus no mundo, para toda a humanidade. Duas tarefas principais cabem, assim, à Igreja e a cada crente: dar testemunho do Evangelho (evangelização) e servir aos homens (diaconia). Num sentido mais restrito, entende-se por missão o trabalho de difusão da fé.¹

No âmbito religioso e da Teologia, a missão é, portanto, interpretada a partir da Encarnação do Verbo, sendo ela “uma característica do cristianismo”.² Afirmar que a missão em si acontece e se apresenta no Novo Testamento não significa a inexistência de traços missionários no Antigo Testamento. O povo de Israel tinha, além de uma clara interpretação de Deus, uma relação pessoal com Ele e, por isso, “podemos sem dúvida afirmar que, embora o Judaísmo não tenha sido uma religião missionária, o Antigo Testamento é um livro missionário”,³ pois conta a história dessa relação entre Deus e o homem e prevê, por sinal, que a salvação seria realizada com a chegada do Messias.

¹ LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 1152-1157.

² COPPI, Paulo (Coord.). **Por uma igreja missionária: breve curso de missiologia**. 3. ed. Florianópolis, SC: PIME, [s.d.], p. 9.

³ Ibid, p.10



Diferente do Antigo é o Novo Testamento, que apresenta Jesus Cristo, enviado do Pai para pregar o Reino de Deus. Pode-se perceber isso explicitamente em diversas passagens, no entanto “Lucas sintetiza com uma frase toda a missão de Jesus: ‘Devo anunciar também a outras cidades a Boa-Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado’”⁴ (Lc 4,43). Esse Jesus que aqui se apresenta mostra-se um missionário para todos os povos, os quais não exclui e nem busca falar para uma classe específica:

O que nos assombra reiteradamente é a *inclusividade* da missão de Jesus. Ela abarca tanto os pobres quanto os ricos, tanto os oprimidos quanto os opressores, tanto os pecadores quanto os devotos. Sua missão consiste em desfazer a alienação e em derrubar muros de hostilidade, em cruzar fronteiras entre indivíduos e grupos.⁵

A missão de Jesus, perceptível em todo o Novo Testamento, é apresentada aos apóstolos, que devem dar continuidade aos ensinamentos do Mestre; essa missão acontece em todas as ações de Jesus, como na escolha e no envio dos Doze. Mais precisamente, ela tem seu início formalizado quando, em Pentecostes, do envio do Espírito Santo sobre os Apóstolos: a partir dali eles saíram em busca de professar, verdadeiramente, suas experiências com o Verbo Encarnado.⁶

Como Ele mesmo (Cristo) fora enviado pelo Pai, enviou os apóstolos a todo o mundo, mandando-lhes: ‘Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei’ (Mt 28,19s)... Daí o dever que cabe à Igreja de propagar a fé e a salvação de Cristo. Isto em virtude do exposto mandato transmitido pelos Apóstolos ao Colégio dos Bispos, assistidos pelos presbíteros, junto com o sucessor de Pedro e Sumo Pastor da Igreja.⁷

É perceptível que, a partir do Pentecostes, do envio do Espírito Santo, dá-se início à missão apostólica, conseqüentemente à missão da Igreja. Isso quer afirmar duas coisas: a primeira, que a experiência pascal foi essencial para a fé dos discípulos: “é só por causa da Páscoa que nossos evangelhos foram escritos. Sem a Páscoa eles não fazem sentido”.⁸ A identidade da comunidade cristã primitiva é determinada pela vida, paixão, morte, e principalmente pela ressurreição de Cristo, que deu toda a dinâmica para a missão. A segunda coisa, que está intrinsecamente unida à ressurreição, é “o dom do Espírito, que também está ligado à missão de maneira essencial”.⁹ A partir da vinda do Espírito Santo, a Igreja começa a ganhar forma e os “discípulos de Jesus experimentavam sua presença no meio deles quando se reuniam em fraternidade e partilhavam a refeição comum em seu nome.”¹⁰

⁴ ANTONIAZZI, Alberto. **Cristianismo: 2000 anos de caminhada.** São Paulo: Paulinas, 1996. (Igreja na História), p. 12.

⁵ BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão.** Tradução Geraldo Korndörfer e Luis Marcos Sander. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002, p. 48.

⁶ Cf. LACOSTE, 2004, p. 1152-1157.

⁷ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.** São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de Bolso). AG 5.

⁸ BOSCH, op. cit., p. 62.

⁹ Ibid. p. 63.

¹⁰ DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. **História do movimento cristão mundial.** Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2004, p. 44.



Os eventos narrados como acontecidos no Pentecostes puseram em movimento essa visão expansiva da missão. O ímpeto se resumia nas últimas palavras do evangelho de Mateus: 'Ide e fazei de todos os povos discípulos meus.'¹¹

Impulsionada pelo Espírito Santo e possibilitada pelos primeiros cristãos, a Igreja cresceu, evoluiu e já perpassa seus dois mil anos. Nesse período, seu foco principal sempre foi a MISSÃO, que é a fonte de toda a ação eclesial, assim como enaltece o Concílio Vaticano II no Decreto *AD Gentes*: "A Igreja é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na 'missão' do Filho e do Espírito Santo".¹² Desse modo, não restam dúvidas de que a missão da Igreja é anunciar o Evangelho, como assim pediu Jesus aos apóstolos. A evangelização é, portanto, o caminho a trilhar, um caminho a ser seguido por todos os fiéis batizados. O Decreto dá um destaque especial para a questão do testemunho cristão, indispensável para a transmissão da fé, logo para toda a missão da Igreja.

Com efeito, todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, o homem novo de que se revestiram pelo Batismo, e a força do Espírito Santo por quem na confirmação foram robustecidos, de tal modo que os demais homens, ao verem as suas boas obras, glorifiquem o Pai e compreendam mais plenamente o sentido genuíno da vida humana e o vínculo universal da comunidade humana.¹³

Como se percebe, o apelo missionário é o mesmo ontem e hoje; entretanto, a missão está ligada ao desafio de cada época. A mesma interpelação que Jesus fez aos discípulos, Ele o faz incessantemente a cada batizado. Portanto, fazem parte da missão da Igreja todos os que aceitaram o amor de Deus, ou seja, os fiéis, clérigos e leigos devem levar Jesus Cristo à humanidade como implicitamente nos fala o Sumo Pontífice, Papa Francisco, na Carta Encíclica *Lumen Fidei*: "Quem se abriu ao amor de Deus, acolheu a sua voz e recebeu a sua luz não pode guardar este dom para si mesmo. Uma vez que é escuta e visão, a fé transmite-se também como palavra e como luz."¹⁴

As palavras do Papa Francisco querem levar o leitor a uma reflexão do importantíssimo e fundamental papel de todos os que se abriram ao amor de Deus nessa missão da Igreja. Nesse sentido, é preciso reconhecer também o importante papel do leigo como agente dessa missão, pois ele pode chegar a lugares onde a Igreja, como hierarquia, jamais conseguiria, como no âmbito escolar, profissional, político, econômico e em todos os outros campos da sociedade em que o leigo, mais especificamente, está inserido. "Hoje, nós poderíamos dizer lapidarmente: a missão dos leigos é a mesma missão da Igreja e a missão da Igreja é dar testemunho da missão de Cristo."¹⁵ Sendo a Igreja responsável pela missão, e esta missão é estendida ao diálogo com o mundo, abordar-se-á algumas contribuições do Vaticano II no que tange aos leigos.

¹¹ Ibid., p. 45.

¹² AG 2.

¹³ AG 11.

¹⁴ FRANCISCO. *Carta Encíclica Lumen Fidei, aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos, sobre a fé*. São Paulo: Paulinas, 2013. LF 37

¹⁵ ALMEIDA, Antonio José. *Apostolicam Actuositatem: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 47.



2. CONTRIBUIÇÕES DO CONCÍLIO VATICANO II E DO PÓS-CONCÍLIO PARA UMA NOVA COMPREENSÃO DO LAICATO NA VIDA DA IGREJA

O Concílio renovou toda a visão que se tinha do leigo, mostrando-lhe sua dignidade como partícipe do Povo de Deus. Com a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, fica evidente que, por meio do tríptico múnus (profético, sacerdotal e régio), todos os fiéis são domados da mesma dignidade, ou seja, leigo e clero, hierarquia ou não, todos, pelo Batismo e pelas graças recebidas por ele, são iguais e, conseqüentemente, cada um a seu modo, deve cumprir a missão da Igreja, anunciando a Boa-Nova a todos os povos. Se a *Lumen Gentium* vem resgatar a particular importância do leigo na Igreja, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (também do Vaticano II) vem para ressaltar a imensurável importância que ele (o leigo) tem no mundo e a total necessidade de ele se mostrar cristão em todos os momentos, situações e lugares: "Os leigos, que devem tomar parte ativa em toda a vida da Igreja, não devem apenas impregnar o mundo com o espírito cristão, mas são também chamados a ser testemunhas de Cristo, em todas as circunstâncias, no seio da comunidade humana".¹⁶

Ao escrever a *Christifideles Laici* sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo, João Paulo II compara a Igreja com a parábola do evangelho que fala da vinha (Mt 20,1ss), relacionando os operários a todos os batizados e reafirmando que o convite realizado por Jesus não é para alguns, mas para todos. Assim como o dono convida os operários a trabalhar na sua vinha, Cristo também convida a humanidade e esta "chamada não diz respeito aos pastores, aos sacerdotes, aos religiosos, mas estende-se aos fiéis leigos: também os fiéis leigos são pessoalmente chamados pelo Senhor, de quem recebem uma missão para a Igreja e para o mundo."¹⁷ O apelo feito por Jesus quer atingir a todos, para que todos se unam a Ele e se associem à Sua missão salvadora.

Antes de qualquer coisa, os leigos, bem como todos os fiéis, são chamados a uma vocação específica, a primeira e fundamental vocação que a Trindade dirige a cada um. Essa vocação tão importante é a vocação à santidade; esta, por sua vez, é uma exigência que não pode ser suprimida, é o que torna o ser humano mais próximo de Cristo.

Todos na Igreja, precisamente porque são seus membros, recebem e, por conseguinte, partilham a comum vocação à santidade. A título pleno, sem diferença alguma dos outros membros da Igreja, a essa vocação são chamados os fiéis leigos: "Todos os fiéis, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade", "todos os fiéis são convidados e têm por obrigação tender à santidade e à perfeição do próprio estado."¹⁸

Os documentos do Concílio Vaticano II e também os demais documentos surgidos a partir dele, como o caso da *Christifideles Laici*, sublinham também que essa santificação deve

¹⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de Bolso). GS 43.

¹⁷ CfL 2.

¹⁸ CfL 16.



acontecer no mundo, no cotidiano e na vida de cada um. É preciso viver a santidade na família, na vida profissional e na vida social, mostrando, assim, a íntima relação com Deus e a realização de Sua vontade, fazendo, conseqüentemente, por meio do testemunho, que as pessoas ao redor sintam-se impelidas a buscar essa vida de santidade. “A vocação à santidade deverá ser compreendida e vivida pelos fiéis leigos, antes de mais nada, como sendo uma obrigação exigente a que não se pode renunciar, como um sinal luminoso do infinito amor do Pai.”¹⁹

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) também dedica um documento que trata do papel do leigo, principalmente sob a óptica pós-conciliar, e reafirma a importância de o leigo buscar sempre uma intimidade com Deus:

Aos leigos compete, por sua vocação própria, buscar o Reino de Deus, exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no século, isto é, em todos e em cada um dos ofícios e trabalhos do mundo. Vivem nas condições ordinárias da vida familiar e social, pelas quais sua existência é como que tecida.²⁰ [...] A espiritualidade de leigos e leigas é, antes de tudo, o caminhar nas estradas da vida com Cristo, no vigor do Espírito Santo, ao encontro do Pai, construindo seu Reino.²¹

2.1 O PAPEL DO LEIGO NA IGREJA

A partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, o leigo passa a ser visto com uma óptica diferente não apenas em relação a sua missão em geral, mas destaca-se também, e sobretudo, a importância da ação laical nas ações pastorais da própria Igreja para que esta seja sempre fortalecida. Pode-se analisar isso de perto ao se estudar o Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos, em especial em seu número marginal 10 que diz expressamente:

Como participantes do múnus de Cristo Sacerdote, Profeta e Rei, os leigos têm a sua parte ativa na vida e ação da Igreja. Dentro das comunidades da Igreja, a sua ação é tão necessária que sem ela o próprio apostolado dos Pastores não pode, a maior parte das vezes, surtir o seu pleno efeito. Na realidade, os leigos de alma verdadeiramente apostólica, à semelhança daqueles homens e mulheres que ajudavam Paulo na difusão do Evangelho (cf At 18,18.26; Rm 16,3), suprem o que falta aos seus irmãos e dão alento tanto os Pastores como ao restante povo fiel (cf. 1Cor 16,17-18). Com efeito, alimentados pela participação ativa na vida litúrgica da sua comunidade, eles tomam solícitamente parte nas obras apostólicas da mesma; conduzem à Igreja os homens que porventura andem afastados; colaboram zelosamente na transmissão da palavra de Deus, sobretudo pelo ensino da catequese; oferecendo a sua perícia, tornam mais eficaz a cura de almas e ainda a administração dos bens da Igreja. A paróquia, congregando na unidade todas as diversidades humanas que aí encontra e inserindo-as na universalidade da Igreja, oferece um exemplo claro de apostolado

¹⁹ CFL 17.

²⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Doc. da CNBB, 62), 94.

²¹ Doc. 62, 176.



comunitário. Habituem-se os leigos a trabalhar na paróquia, intimamente unidos aos seus sacerdotes.²²

Percebe-se, portanto, já no Concílio, a preocupação e a abertura para os leigos atuar ativamente na Igreja através da Liturgia, como explícito no Documento, bem como no Apostolado da Catequese e das diversas pastorais que hoje dão plena vida à Igreja. Pode-se dizer que, se, como afirma o Decreto, é impensável a ação da Igreja sem a presença dos leigos, poder-se-ia dizer também que é inconcebível a ajuda dos leigos se não pela ação pastoral. O Concílio Vaticano II mostrou então não só a importância como a necessidade dessa ação, pois, se durante séculos o padre conseguia dar conta de ajudar a todos de sua paróquia, hoje, com a urbanização e o crescente aumento da população, é impossível que o padre consiga atingir todos os fiéis. Por isso a presença dos leigos engajados na ação pastoral se faz tão necessária. É importante salientar que esta ação laical na Igreja é, por vezes, o que dá vida à paróquia e cria/aumenta a ideia de comunidade, além de transmitir o quão cada um do Povo de Deus é indispensável para que a mensagem do Reino chegue a todas as pessoas. Para destacar a necessidade de esta mensagem chegar às pessoas do mundo todo, o Vaticano apontou o voraz imperativo de a Igreja passar a ter um diálogo mais harmonioso com o mundo. Este é o tema que se segue.

3. A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO IGREJA-MUNDO A PARTIR DO VATICANO II

A questão do diálogo se faz tão necessária que, em 1964, antes mesmo da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II, Paulo VI publica uma Carta Encíclica (*Ecclesiam Suam*) que aborda os caminhos da Igreja e dedica um capítulo inteiro (o terceiro) exatamente ao tema do diálogo, apresentando, assim, a grande e verdadeira necessidade de a Igreja ter esse contato mais vivo com o mundo. “Se a Igreja adquire cada vez mais clara consciência de si e procura modelar-se em conformidade com o tipo proposto por Cristo, não poderá deixar de distinguir-se profundamente do ambiente humano, em que afinal vive.”²³

O diálogo com o mundo não se coloca na linha de uma exigência democrática, mas tem uma fonte bíblica, e, por isto, ganha contornos teológicos, pois encontra sua origem em Deus que escolheu a Palavra para encontrar os homens de todos os tempos. A experiência ímpar do povo de Israel, consignada nas Sagradas Escrituras, consiste, exatamente, na experiência de um “Deus que fala”, relaciona-se, vem ao encontro de seu povo.²⁴

É fato que a Encarnação do Verbo foi sincera e verdadeira, Jesus não foi meio homem, mas o foi por inteiro. Portanto, se a Igreja quer se modelar a esse Cristo, é preciso que ela interaja

²² CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de Bolso). AA 10.

²³ PAULO VI. Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, sobre os caminhos da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1964. ES 34.

²⁴ ALVES, Antonio Aparecido. A reconciliação entre Igreja e mundo contemporâneo na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. **TheAR – Revista de Teologia e Assuntos Religiosos**, São José dos Campos, ano 1, n. 1, p. 35-52, 2012, p.49



plenamente com toda a humanidade e é isso que a Encíclica vem apresentar. E, mais ainda, ela declara: “A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio.”²⁵

A Carta Encíclica afirma ainda que haveria algumas possibilidades para a relação Igreja e mundo. A primeira delas seria que ela manifestasse sempre uma ruptura com o mundo, esquivando-se dele e fechando-se para si, isolando-se, portanto, de toda a sociedade profana; a segunda seria recriar cruzadas e anatematizar todos os males advindos dessa sociedade; ou, por fim, poderia aproximar-se para aos poucos incutir nele a mensagem evangélica.²⁶ A própria Encíclica deixa claro qual das possibilidades deve fazer parte da Igreja a partir daquele momento histórico:

Parece-nos, porém, que a relação da Igreja com o mundo, sem excluir outras formas legítimas, se representa melhor pelo diálogo, embora não necessariamente com palavras que tenham para os dois interlocutores o mesmo sentido. É necessário atender ao que é diverso nas mentalidades e nas circunstâncias de fato: um é o diálogo com a criança, outro com o adulto; um com o crente e outro com o incrédulo. Conceber essa relação como diálogo é o que nos sugerem: o hábito agora muito espalhado de assim representar as relações entre o sacro e o profano; o dinamismo transformador da sociedade moderna; o pluralismo das suas manifestações; e também a maturidade do homem, tanto religioso como não religioso, habilitado pela educação profana a pensar, falar e manter com dignidade o diálogo.²⁷

O documento não quer esgotar o tema, afinal, como ele mesmo afirma, o estudo mais aprofundado deveria acontecer por parte dos Padres Conciliares. Nesse sentido, sua função é apenas “antepor a esse estudo algumas considerações”.²⁸ De certa forma, a ideia seria, talvez, despertar na sociedade e nos próprios Padres Conciliares o imensurável valor e a necessidade do tema para o determinado momento que o mundo vivia e abrir caminhos para que a *Gaudium et Spes* fosse rica e abertamente esperada por todos os fiéis.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história.²⁹

Assim inicia-se a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que fala da Igreja no mundo de hoje. Colocando-se como partícipe nas alegrias, esperanças, tristezas e angústias, a Igreja se mostra como integrante nesse mundo e por isso se solidariza com o sofrimento da humanidade e se alegra com suas alegrias. Durante toda a Constituição, reafirma-se esse papel de diálogo e a importância de conhecer e conviver com o mundo, pois somente assim será

²⁵ ES 38.

²⁶ Cf. ES 45.

²⁷ ES 45.

²⁸ ES 38.

²⁹ GS 1.



possível penetrar no mais íntimo da humanidade para revelar verdadeiramente os ensinamentos de Cristo a todos.

O mundo é marcado pelas ligeiras transformações e a preocupação da Constituição é exatamente que o homem, a partir de tanta evolução, já não se reconheça mais e acabe por perder gradativamente seus valores.

Nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos. [...] Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanente e de harmonizá-los com os que, pouco a pouco, são descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da evolução atual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até uma resposta.³⁰

A Constituição aborda com grande veemência alguns problemas urgentes que cercam o mundo, dedicando-lhes toda a segunda parte. Esses problemas (o matrimônio e a família, a cultura humana, a vida econômica e a política, a comunidade internacional e a paz) devem ser vistos com o olhar cristão, para, a partir de Jesus, buscar a solução desses males que circundam toda a humanidade.³¹ Esses problemas são apresentados depois de a Constituição abordar a dignidade da pessoa humana, pois somente a partir de um conhecimento sobre essa dignidade é que as pessoas serão capazes de olhar para essas realidades e tentar solucionar seus problemas em uma perspectiva cristológica.

Ainda hoje, passados cinquenta anos do Concílio, verifica-se o quanto ainda é atual essa Constituição. Percebe-se que os problemas da humanidade não mudaram muito entre si; observa-se, portanto, que os ensinamentos desse evento que marcou a história da Igreja para sempre ainda não se tornaram plenos e a ação pastoral da Igreja ainda tem muito a agir para estar em sintonia com o Concílio. Se na década de 60 a Igreja sentia a grande necessidade de dialogar com o mundo, hoje esse diálogo se faz cada vez mais necessário e urgente. O diálogo entre Igreja e mundo é fundamental porque aquela está situada no mundo e não é uma instituição fora dos muros do mundo, é seu dever fazer-se presença para, assim, conseguir atingir o objetivo de sua missão, como afirma o Concílio na conclusão da *Gaudium et Spes*:

Em virtude de sua missão de iluminar o mundo inteiro com a mensagem de Cristo e de reunir em um só Espírito todos os homens, de qualquer nação, raça ou cultura, a Igreja constitui um sinal daquela fraternidade que torna possível e fortalece o diálogo sincero. [...] Por nossa parte, o desejo de tal diálogo guiado apenas pelo amor pela verdade e com a necessária prudência, não exclui ninguém; nem aqueles que cultivam os altos valores do espírito humano, sem ainda conhecerem o seu Autor; nem aqueles que se opõem à Igreja, e de várias maneiras a perseguem. Como Deus Pai é o princípio e o fim de todos eles, todos somos chamados a sermos irmãos. Por isso, chamados com esta mesma vocação humana e divina, podemos e

³⁰ GS 4.

³¹ Cf. GS 46.



devemos cooperar pacificamente, sem violência nem engano, na edificação do mundo na paz verdadeira.³²

A Igreja desempenha seu papel de dialogar com o mundo quando se faz presente nas diversas áreas de atuação da sociedade, como nas relações com a ciência por meio da Pontifícia Academia das Ciências, quando se envolve no campo do desenvolvimento e alimentação, estando presente em vários organismos da Unesco, na educação, por intermédio das diversas universidades da Igreja, e nas várias vezes em que os papas se fizeram e se fazem presença nas assembleias das Nações Unidas, entre outros.³³

Nesse ângulo, percebe-se o diálogo da Igreja com o mundo quando, nas comunidades, identifica-se a atuação nos diversos campos sociais, na questão da sustentabilidade, nas ações filantrópicas e nas mais variadas manifestações que unem a Igreja a determinado campo da sociedade. Percebe-se, portanto, esse diálogo, nas mais variadas pastorais e movimentos que lutam pelo bem comum, independentemente de crenças, culturas e religiões. Nota-se ainda que, nesse diálogo com o mundo, o leigo é um agente fundamental, pois ele está mais inteiramente presente no mundo, pelo trabalho, os estudos, o lazer, entre outros; o papel do leigo, nesse âmbito, não é simplesmente falar das verdades evangélicas, e, sim, verdadeiramente vivê-las, mediante o testemunho no dia a dia, fazendo com que, dessa maneira, o Evangelho chegue a todos os povos.

Os leigos, que devem tomar parte ativa em toda a vida da Igreja, não devem apenas impregnar o mundo com o espírito cristão, mas são também chamados a ser testemunhas de Cristo, em todas as circunstâncias, no seio da comunidade humana.³⁴

3.1. LEIGO: PRINCIPAL AGENTE NO DIÁLOGO ENTRE A IGREJA E O MUNDO

Como mencionado anteriormente, a Igreja precisa dialogar com o mundo, de maneira a interagir com ele, mostrando-lhe as verdades contidas na vida de Cristo, cerne da fé católica. Entrar pelas frestas do mundo e participar ativamente de suas peculiaridades é o modo mais eficaz para se apresentar o Evangelho. Essa é a missão da Igreja. Sendo assim, é preciso encontrar caminhos para tal. Como atingir o objetivo? Por intermédio de quem a Igreja é capaz de se fazer massivamente presente nos vários campos da sociedade? É aí que se percebe muito nitidamente a ação do leigo, tendo em vista que ele está em todos os campos da sociedade e, conseqüentemente, pode inculcar sua fé por meio do testemunho, revelando, assim, Jesus Cristo aos que não o conhecem.

Mas os leigos são chamados de modo especial a tornar presente e operante a Igreja naqueles lugares e circunstâncias onde ela, só por meio deles, pode vir a ser sal da terra. Assim todo o leigo, por virtude dos dons que recebeu, é testemunha e ao

³² GS 92.

³³ PAREDES, Juan Antonio. **Onde está o nosso Deus?:** Diálogo do crente com a cultura de hoje. Tradução Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Paulus, 1999, p. 15.

³⁴ GS 43.



mesmo tempo instrumento vivo da missão da própria Igreja 'segundo a medida do dom de Cristo' (Ef 4,7).³⁵

O leigo é, portanto, chamado a se fazer presente no mundo de uma forma mais sutil, de modo que aqueles que o olharem reconheçam nele um cristão. Os leigos são chamados a “ser sinais e testemunhas de Cristo em lugares onde a Igreja não alcança e não atinge. É como fermento na massa”.³⁶ A Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, ao se referir ao leigo e à sua índole secular, compara-o com o Evangelho que fala sobre o sal da terra, a luz do mundo e o fermento. Ela afirma que, apesar de o texto ser direcionado a todos os fiéis que aderiram ao projeto de Cristo, é mais direto aos leigos, que se fazem verdadeiramente presentes na sociedade, como já citado.

São imagens maravilhosamente significativas, porque falam não só da inserção profunda e da participação plena dos fiéis leigos na terra, no mundo, na comunidade humana, mas também e, sobretudo, da novidade e originalidade de uma inserção e de uma participação destinadas à difusão do Evangelho que salva.³⁷

Ser sal e luz em um mundo de ódio, rancor, injustiças e opressão não parece tarefa fácil. Fazer-se diferente em um lugar em que muita coisa pende para o lado oposto não deve ser simples, mas cada leigo presente no mundo tem em quem se espelhar; afinal, Jesus, a quem se louva, bendize, adora e crê, foi um leigo e viu de perto a opressão e a injustiça cometidas contra o seu povo. Vendo tudo o que acontecia, Ele não se calou, nem “se fechou no Templo ou nas sinagogas, mas se dedicou a agir no mundo para transformá-lo”,³⁸ e, por vezes, tratou com amor e carinho aqueles que nada valiam para a sociedade. A perspectiva de Jesus, como discípulo do Pai, era mostrar o amor do Pai a todos. Ele não fazia distinção entre ricos ou pobres, sadios ou doentes, mas fazia questão de mostrar sua tamanha afeição àqueles mais desprezados.

Como leigo, e um bom leigo, por assim dizer, Jesus dava um testemunho verdadeiro, não precisava esquivar-se de nada, não tinha medo de nada, pois agia em nome de um projeto, o Reino de Deus, projeto este que nós também devemos nos ater. “Jesus, como leigo, rompeu barreiras doutrinárias e a sua vida se resume numa incessante busca por Deus e pelo outro. Sua ação é resultado de um amor capaz de tudo, até mesmo de dar a própria vida.”³⁹ Se, a partir do Batismo, o fiel torna-se cristão, e passa a ser chamado a viver plenamente o Evangelho e a dar testemunho de Cristo perante as pessoas, é preciso que busque seguir os exemplos de Cristo e, por fim, é preciso que aja em nome desse projeto, sem medo de lutar contra as injustiças e as maneiras de opressão que se tornam barreiras para um encontro verdadeiro e pessoal com esse Cristo.

Seguir os exemplos de Cristo é dialogar com o mundo, pois Cristo soube dialogar em todos os momentos de sua vida. Seguir os exemplos de Jesus é, por fim, deixar-se ser sinal no mundo, tal qual Cristo o foi.

³⁵ LG 33.

³⁶ KUZMA, Cesar. **Leigos e leigas:** força e esperança da Igreja no mundo. São Paulo: Paulus, 2009, p. 101.

³⁷ Cfl 15.

³⁸ KUZMA, 2009, p. 102.

³⁹ Ibid., p. 102.



Como sinal passam a ser mensageiros da Boa-Nova, levam a esperança que anima os corações. Estão dispostos a tomar na própria vida as mesmas decisões que Cristo tomou na sua e, com isso, dar solidez aos seus sacramentos. Como testemunhas, leigos e leigas são chamados a confirmar na sua vida uma mudança interior capaz de trazer, em consequência, reações exteriores. Suas ações e atitudes devem ser diferenciadas. Os seus compromissos diante das coisas do mundo passam a ter outra importância. O seu olhar passa a vislumbrar o horizonte, numa esperança que se transforma em força carismática da Igreja que, mesmo peregrina, aspira constantemente pela eternidade, quer já no presente transformar o mundo e a sociedade.⁴⁰

O cristão precisa ser esse sinal diferenciado, precisa ser uma luz pelo qual as pessoas possam olhar e dizer: “Vejam como se amam”. Ser um bom cristão não é ser prosélito, pois já está mais do que confirmado pelos dias atuais que o proselitismo apenas denigra a imagem de quem o pratica. Levar a Palavra de Deus e os ensinamentos cristãos para as salas de aula, para as repartições e escritórios, nos programas culturais e nos momentos de descontração, é seguir os exemplos dos inúmeros santos e santas, reconhecidos canonicamente ou não, que viveram o Evangelho de maneira esplêndida. O mais importante de mostrar-se cristão não está na fala, e sim nos gestos e atitudes, principalmente aqueles que demonstram amor, afeto e carinho pelos que mais necessitam de amor, afeto e carinho. Esse foi o exemplo deixado por Jesus e que deve ser seguido por todos os leigos que, definitivamente, se sentem impulsionados a buscar a vida de santidade tal qual foi a vida do próprio Jesus.

CONCLUSÃO

Ao final deste artigo conclui-se que, verdadeiramente, o cristão leigo tem um papel fundamental para a Igreja e este papel não está apenas como agente de pastoral, ou até mesmo enquanto o fiel está no ambiente religioso, mas, mais do que isso, aliás, muito além disso, o papel do leigo é ainda maior quando está na sociedade, enquanto ele está no trabalho, na escola, na faculdade, no campo da política e da economia, entre outros. Em outras palavras, o cristão leigo precisa se mostrar um verdadeiro cristão não apenas enquanto está exercendo atividades religiosas mas deve traduzir sua fé com obras, com seu testemunho, pois aí está o verdadeiro sentido do fazer-se cristão.

Chega-se à conclusão também sobre a magna importância da missão durante toda a história da Igreja, sendo ela a responsável por toda a ação eclesial no decorrer desses dois milênios. É interessante perceber que, apesar do longo tempo de caminhada, o conteúdo da Missão permanece o mesmo, e que a Igreja se vê sempre determinada a adequar-se em apresentar esse conteúdo de forma com que todos os fiéis se sintam impelidos a propagar a fé a todos os povos, como assim pede Jesus.

Se a Igreja conclui a partir do Vaticano II que tem a missão de dialogar com o mundo, essa missão é extensiva a todos os fiéis e, sobretudo, se destina aos fiéis leigos que estão inseridos profundamente no mundo, adentrando a lugares e perpassando frestas pelas quais a Igreja, como hierarquia, jamais conseguiria. O que as pessoas, por vezes, não compreendem é que

⁴⁰ KUZMA, 2009, p. 102-103.



para evangelizar, para mostrar ao outro sua fé madura, não são necessárias, pelo menos no primeiro instante, uma Bíblia na mão, nem mesmo uma conversa cercada de proselitismo, mas que os simples gestos de humanidade já são suficientes para mostrar o quanto se entende da pessoa humana e o quanto de valor ela tem, como assim sugere o Papa Francisco em um discurso feito aos catequistas, dizendo que é preciso que cada um “guia-se para o encontro com Cristo, através das palavras e da vida, através do testemunho. Lembrai-vos daquilo que nos disse Bento XVI: ‘A Igreja não cresce por proselitismo. Cresce por atração’. E aquilo que atrai é o testemunho”. No discurso, Francisco relembra, ainda, o que São Francisco costumava dizer aos seus confrades: “Pregai sempre o Evangelho e, se for necessário, também com as palavras”. As palavras têm o seu lugar... mas primeiro o testemunho: que as pessoas vejam na nossa vida o Evangelho, possam ler o Evangelho”.⁴¹

Certamente os exemplos valem muito mais do que as palavras e, por isso, para o Povo de Deus, leigo ou clérigo, ao entrar em diálogo com o mundo é preciso que deem, antes, o testemunho da fé, e, com isso, certamente estarão seguindo a Missão da Igreja e transmitindo a Palavra de Deus aos que os cercam, mostrando-se, portanto, autênticos cristãos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Antonio José. *Apostolicam Actuositatem*: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ALVES, Antonio Aparecido. A reconciliação entre Igreja e mundo contemporâneo na Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*. **TheAR – Revista de Teologia e Assuntos Religiosos**, São José dos Campos, ano 1, n. 1, p. 35-52, 2012.
- ANTONIAZZI, Alberto. **Cristianismo**: 2000 anos de caminhada. São Paulo: Paulinas, 1996. (Igreja na História)
- BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução Geraldo Korndörfer e Luis Marcos Sander. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Lumen Gentium**: constituição dogmática sobre a Igreja. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de Bolso)
- . Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de Bolso)
- . Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de Bolso)
- . Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de Bolso)
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas**. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Documentos da CNBB, 62)

⁴¹ Cf. FRANCISCO. **Discurso aos catequistas vindos a Roma em peregrinação por ocasião do ano da fé e do congresso internacional de catequese**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/september/documents/papafrancesco_20130927_pellegrinaggio-catechisti_po.html>. Acesso em: 21 out. 2013.



- COPPI, Paulo (Coord.). **Por uma igreja missionária**: breve curso de missiologia. 3. ed. Florianópolis, SC: PIME, [s.d.].
- DALE, T. Irvin; SCOTT, W. Sunquist. **História do movimento cristão mundial**. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2004.
- FRANCISCO. **Carta Encíclica *Lumen Fidei*, aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos, sobre a fé**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- . **Discurso aos catequistas vindos a Roma em peregrinação por ocasião do Ano da Fé e do Congresso Internacional de Catequese**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/september/documents/papafrancesco_20130927_pellegrinaggio-catechisti_po.html>. Acesso em: 21 out. 2013.
- JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica *Christifideles Laici*, sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo**. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- KUZMA, Cesar. **Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo**. São Paulo: Paulus, 2009.
- LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas, 2004.
- PAREDES, Juan Antonio. **Onde está o nosso Deus?: Diálogo do crente com a cultura de hoje**. Tradução Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Paulus, 1999.
- PAULO VI. **Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, sobre os caminhos da Igreja**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1964.